

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

As escolhas lexicais de Doutor Remédios Monteiro e a composição do seu discurso memorialista

Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz¹

RESUMO: Apresenta-se o texto memorialístico de Doutor Remédios Monteiro, que o escreveu para sua filha, D. Elvira Monteiro, a qual o repudiou, escrevendo ao lado da primeira folha que seu pai não devia ter escrito. A partir das escolhas lexicais do autor, traça-se a composição de seu discurso memorialista.

Palavras-chave: Discurso Memorialista; Escolhas Lexicais; Doutor Remédios Monteiro; Século XIX.

ABSTRACT: Present the text of memoirs of Doctor Remédios Monteiro, who wrote it with the objective to leave it for his daughter, Ms. Elvira Monteiro, who repudiated him by writing in the margin of the first page that her father should not have written them. From the lexical choices of the author, it is mapped the composition of his memorial.

Keywords: Discourse Memoirist; Lexical Choices; Doctor Remédios Monteiro; 19th Century.

1. Introdução

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração
que nem se mostra.
(MEIRELES, 1972, p. 63)

Recordar... De acordo com acepção apresentada no dicionário *Aurélio Século XXI* (FERREIRA, 1999, p. 1720) significa: “1. Fazer vir à memória; lembrar-se de; lembrar”. É isso que faz Doutor Remédios Monteiro, médico brasileiro que nasceu a bordo do navio Nos-

¹ Professora Titular da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. Integrante do corpo docente dos seguintes programas: Literatura e Diversidade Cultural e Estudos Linguísticos. E-mail: rcrqueiroz@uol.com.br.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

sa Senhora do Socorro, em seu trajeto de Goa ao Brasil, em 16 de novembro de 1827, quando escreve seu texto autobiográfico para sua única filha, D. Elvira Monteiro.

A memória pessoal é também social, familiar e grupal. Para Platão [(428/27 a.C.-347 a.C.)] e Aristóteles [(384–322 a.C.)], a memória se constitui de dois diferentes momentos: um denominado por "conservação de sensações", caracterizado pela conservação de conhecimentos passados e o outro chamado de "reminiscência", que consiste na possibilidade de evocar esse conhecimento passado e atualizá-lo, tornando-o presente. O primeiro caso refere-se à “memória retentiva”, e o segundo, à “memória como recordação”.

A memória, no sentido de reter informações, está relacionada a um conjunto de funções psíquicas, sendo estas às quais o homem pode recorrer para atualizar impressões ou informações passadas. Segundo Bosi (1987, p. 9): “Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, ‘desloca’ estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.”

Para quem recorda, o afloramento das lembranças se constitui como uma tarefa, a qual deve realizar pacientemente. As lembranças que vêm a lume representam apenas um fragmento de memória, pois esta é um cabedal infinito. “A memória aparece então como um dom para iniciados e a *anamnesis*, a reminiscência, como uma técnica ascética e mística. Também a memória joga um papel de primeiro plano nas doutrinas órficas e pitagóricas. Ela é o antídoto do Esquecimento. No inferno órfico, o morto deve evitar beber no Letes, mas, pelo contrário, nutrir-se da fonte da Memória, que é uma fonte de imortalidade.” (LE GOFF, 2003, p. 434).

Para os povos latinos, a memória reúne as percepções dos sentidos, sendo por meio da reminiscência que estes são constituídos. Os latinos viam da mesma maneira a formação das imagens – *memorare*, que os gregos designavam por *phantasia*. Na mitologia grega, as Musas são filhas da memória.

TABULEIRO DE LETRAS

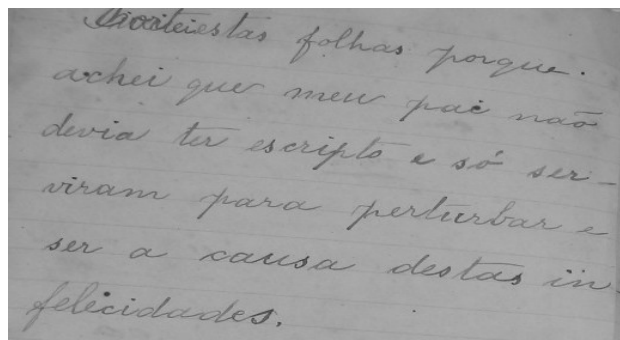
Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

As lembranças, quando materializadas em imagem, trazem à consciência aquele momento da vida que é único, que não será repetido, pois é irreversível. O ato de lembrar é evocativo, porque ocorre por via da memória. Para Bergson (*apud* BOSI, 1987, p. 10), “[...] é do presente que parte o chamado ao qual a lembrança responde.”

Na luta entre a memória (*anamnesis*) e o esquecimento, encontra-se Doutor Remédios Monteiro, desejando que sua filha tenha em seu texto autobiográfico o antídoto para uni-los além da vida e da morte. Contudo, D. Elvira, sua filha, repudia a lembrança, registrando no próprio caderno em que seu pai escreveu suas memórias o seguinte texto: “Cortei estas folhas porque achei que meu pai não devia ter escripto e só serviram para perturbar e ser a causa destas infelicidades.” (MEMÓRIAS, f. 1v, l. 1-6).

Fig. 1: Folha 1v do Caderno em que constam as Memórias de Doutor Remédios Monteiro



2. A narrativa memorialística

O texto memorialístico é uma narrativa, ou seja, é uma forma de olhar o real, de dizer o mundo. Na narrativa memorialística: descreve-se, discorre-se, explica-se, interpreta-se a realidade. Assim como a memória, a história está inserida nessa categoria, pois, segundo Pesavento (2006, *on line*), ambas “[...] são representações, ou seja, são discursos que se colocam no lugar da coisa acontecida. Correspondem a elaborações mentais que expressam o

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

mundo do vivido e que mesmo se substituem a ele. Mais do que isto, história e memória são discursos portadores de imagens, que dão a ver aquilo que dizem através da escrita ou da fala.”

Contudo, a memória enquanto forma de narrativa se distingue de outros discursos, pois seu objeto é um tempo transcorrido, ou seja, o que se presentifica no discurso memorialístico pertence a um tempo físico já escoado. Neste sentido, o esforço da imaginação traz à tona imagens e discursos que não pertencem nem ao passado e nem ao presente, mas a um tempo histórico ou memorialístico. Para Benjamin (1985, p. 37), “[...]o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois”.

De acordo com Pesavento (2006), o discurso memorialístico apresenta narrativas verossímeis, pois poderiam ter acontecido, sendo verdadeiras em sua ilusão referencial. “A memória ‘aparece’ como verdadeira, legitima-se como tal, mas trata-se de uma representação do ocorrido.” (PESAVENTO, 2006, *on line*). O discurso memorialístico é uma narrativa de reconfiguração temporal. A formação da memória individual ocorre, quase sempre, envolvendo tensões, a partir da junção de várias memórias, sejam estas pessoais, familiares, grupais, regionais, dentre outras.

Os indivíduos são seres que ocupam um lugar social e temporal. No discurso memorialístico, o sujeito é aquele que rememora, evocando aquilo que foi vivido, resgatando as lembranças, seletivamente. Neste sentido, esquece e exclui, consciente ou inconscientemente. Assim, a constituição da subjetividade do sujeito se dá através da linguagem. É através da linguagem que o homem se comunica e transmite seu pensamento, ou seja, que dá forma a valores, crenças, objetivos, sentimentos, enfim tudo aquilo que perpassa pela sua consciência em seu dia a dia. De acordo com Benveniste ([1902-1976]): “A linguagem é para o homem um meio, na verdade, o único meio de atingir o outro homem, de lhe transmitir e de receber dele uma mensagem. Consequentemente, a linguagem exige e pressupõe o outro.” (1989, p. 93).

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

3. Doutor Remédios Monteiro: um breve relato de sua vida

Doutor Joaquim dos Remédios Monteiro nasceu a 16 de novembro de 1827, quando ocorria a mudança de seus pais da Índia para o Brasil. Estes, Sr. Joaquim Eleutério Monteiro e Sr^a. Maria Thereza Monteiro eram de origem brâmane, tendo ele nascido na Índia portuguesa e ela na Índia inglesa.

A família Monteiro instalou-se no Rio de Janeiro, então capital do Brasil. Foi nesta cidade que Doutor Remédios iniciou seus estudos de medicina, com uma breve passagem por Paris, onde foi para aprofundar seus conhecimentos na área médica. Já diplomado, Doutor Remédios mudou-se para Resende, cidade do interior do estado do Rio de Janeiro. Nesta localidade, com a ajuda de um primo, começou a medicar, sendo aí também que contraiu tuberculose, doença que o acompanhou pela resto de sua vida e que foi o motivo de sua vinda para a Bahia. Em Salvador, escreveu artigos para a Gazeta Médica: *Transfusão do sangue, Vacina, Apontamentos para a história natural do cordão do frade, Ensino médico, Pasteur e suas doutrinas, Caso de soluço curado pelo jaborandi, A Feira de Santana como sanatório de tuberculose pulmonar*, dentre outros. Soube que Feira de Santana, cidade do interior do estado, possuía um bom clima para tratar do seu problema de saúde, mudando-se para lá provavelmente no final dos anos de 1870.

Em Feira de Santana, local onde passou seus últimos anos de vida, vindo a falecer em 1901, o Doutor Remédios participou da política local, elegendo-se vereador. Ocupou-se da construção da Biblioteca Municipal e do Matadouro Público, pois a higiene e a educação públicas eram seus motivos de grande preocupação.

3.1 O texto memorialístico de Doutor Remédios Monteiro

Doutor Remédios Monteiro escreveu seu texto memorialístico em um caderno pautado, tipo escolar, medindo 220mm X 170mm, com 67 (sessenta e sete) folhas, 55 escritas

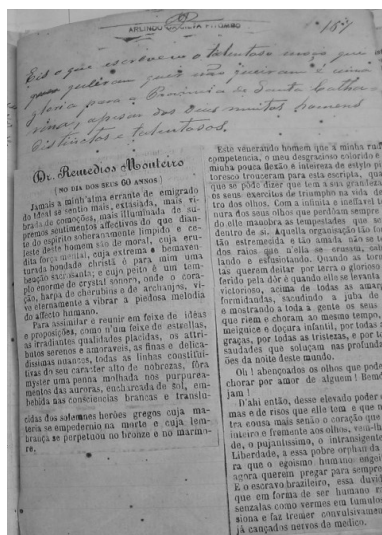
TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

só no recto; 2, só no verso e 10, recto e verso, em razoável estado de conservação. Algumas folhas apresentam numeração. Não consta nenhuma datação, pois Doutor Remédios não informa quando começou e nem quando terminou de escrever.

Fig. 2: Folha 167r



O caderno que contém as Memórias do Doutor Remédios Monteiro encontra-se hoje no acervo da Biblioteca Setorial Monsenhor Galvão, sediada no Museu Casa do Sertão, órgão da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. Este documento é uma fonte rica de informações da segunda metade do século XIX, oferecendo diversas possibilidades de estudo em várias áreas, sejam elas a História, a Filologia, a Literatura, a Medicina, etc.

Sua filha, D. Elvira, além de escrever no texto do próprio pai, também mutila o caderno, cortando e colando folhas. Folhas coladas: 129 e 130a; folhas rasgadas: 171 e 174; colado recorte de jornal sobre o sexagésimo aniversário do Dr. Remédios Monteiro: folhas 167 e 168.

Doutor Remédios Monteiro constrói seu texto evidenciando sua formação ideológica a fim de persuadir sua filha a segui-la. Segundo Citelli (2005, p. 14): “Quem persuade leva o outro a aceitar determinada idéia, valor, preceito.”

[...] É o padrinho de bapti / smo de minha filha. **Como escrevo / estas recordações para minha filha, / desejo** que ella ame, estime e res / peite o bom parente que me soc / correu com a sua bolsa, me gui / ou com seus conselhos e comple / tou minha educação scientifica. (MEMÓRIAS, f. 14r, l. 22 e 23 ; f. 15r, l. 1-6).

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

Para Doutor Remédios, o que mais importava eram: o respeito ao outro, a filosofia cristã, a devoção, a gratidão, o exercício da medicina. Foram estes valores que passou para a sua filha, enfatizando-os em todo o seu discurso memorialístico. Segundo Bosi (1987, p. 10): “A memória teria uma função prática de limitar a indeterminação (do pensamento e da ação) e de levar o sujeito a reproduzir formas de comportamento.” Neste sentido, age Doutor Remédios, ao tentar induzir a sua filha a seguir o seu comportamento.

Doutor Remédios era um homem devoto. Era católico e prezava muito a filosofia cristã.

Foi por esse tempo / que li os livros que mais profunda / mente deviam actuar sobre o meu / espirito, incluindo nesse numero / as Minhas prisões e os de / veres do homem por Silvio Pellico. / Só quem não leu / este escripto ignora o valor dos seus / primorosos e eloquentes escriptos , un / gidos da mais pura philosophia / christã, escriptos sob a inspiração do Evangelho. (MEMÓRIAS, f. 13r, l. 5-16)

Nas minhas horas e nos meus dias de sof / frimentos em consequencia das hemophhyses que me podiam fulminar, nos / meus desgastes, magoas e tristezas, só / tenho encontrado em um livro a resigna / ção, a consolação e todo o conforto que / meu espirito abatido carecia. Esse li / vro que se tem constituido o meu guia / na **velhice** é a Imitação de Jesus / Christo, escripto segundo uns pelo francez João Gerson, segundo outros pelo / conego Thomaz Kempis. (MEMÓRIAS, f. 4r, l. 1-12)

Mais tarde, quando estava em / idade de comprehender o valor das / **orações**, meu pae explicou-me os / **Mandamentos da Lei de Deus**. Assim / os mestres ou os educadores do meu co / ração foram meu pae e minha mãe / Meu pae, que havia relido muitas / vezes a **Bíblia** e era profundamente / **espiritualista**, ensinou-me a vida de / **Jesus Christo** e a ser verdadeiro e bom. / Ambos davam-me o exemplo por pa / lavras e actos. Ambos queriam fazer / de mim um homem feliz, um espirito / são; creio que o fizeram. (MEMÓRIAS, f. 127r, l. 5-18)

Para Doutor Remédios, o livro a *Imitação de Jesus Cristo* o ensinava a sofrer e a perdoar, a manter a paz de espírito, a saber resignar-se e a reproduzir em si mesmo a imagem

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

de Cristo. Desde cedo estive em contato com a filosofia cristã, pois estudei latim, francês e aritmética com um monge beneditino, Padre José de Santiago Mendonça.

Estudei primeiras letras, latim, francez e arithemetica no collegio do padre mestre José de Santiago / Mendonça, que havia sido monge / beneditino. **Esse collegio, um dos / melhores do tempo e talvez superior / a alguns da actualidade**, era no / bairro da Saude, perto da minha / residencia na rua do Livramento. (MEMÓRIAS, f. 6r, l. 3-11)

Doutor Remédios Monteiro, ao estruturar o seu texto memorialístico, parte de sua vontade pessoal, construindo assim um tecido discursivo no qual são delineados os aspectos sócio-históricos e linguísticos. A direção que toma o seu discurso evidencia os valores que marcam a sua tradição social e mostra que o seu discurso está permeado por outros discursos: da igreja, da escola, do regime militar, da família, etc. Para Bosi (1987, p. 11):

O passado conserva-se e, além de conservar-se, atua no presente, mas não de forma homogênea. De um lado, o corpo guarda esquemas de comportamento de que se vale muitas vezes automaticamente na sua ação sobre as coisas: trata-se da *memória-hábito*, memória dos mecanismos motores. De outro lado, ocorrem lembranças independentes de quaisquer hábitos: lembranças isoladas, singulares, que constituiriam autênticas ressurreições do passado. (grifos da autora)

Em suas recordações, Doutor Remédios rememora o encontro com alguém que se tornou seu grande amigo. A amizade, então, é também um bem inestimável, o qual será tratado em todo o seu texto memorialístico.

O acaso fez com que eu me encontrei / trasse uma tarde em um leilão / de livros com o dr Domingos Jacy / Monteiro. Tinha eu provavelmente / nessa época vinte annos elle vizi / velmente mais moço. Eu já cursava / o 2º anno medico, elle ain / da não se havia matriculado na Es / cola de Medicina. [...] **Seria muito longo narrar aqui / como se evoluiu o nosso primeiro conhecimento até tornar-se na amizade / mais antiga, mais delicada, mais solicitada, mais fiel.** Basta dizer / que nelle encontrei um amigo since / ro. (MEMÓRIAS, f. 2r, l. 1-21)

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

Minha **molestia** e / a **lucta pela vida separou-me** in / teiramente **dos meus melhores / amigos** para nunca mais tornar / a vel-os. **Isto enche-me a alma de / tristeza e de saudades**. Tenho vivido / na Feira de Sant'Anna em uma es / pecie de solidão moral. (MEMÓRIAS, f. 139r, l. 5-12).

Como Doutor Remédios escreve as suas Memórias para a filha, ela é sempre citada. As referências que lhe dá são sempre relativas ao bom comportamento dos avós e da mãe.

Tenho no céu um ente que me foi / caro para entecer por mim na terra. / **Que minha filha seja a herdeira de / suas virtudes**. Que **continue boa filha** / como tem sido até hoje. E se algum dia / **fôr esposa faça a felicidade do seu / marido** – sendo **mulher virtuosa, forte / e prudente** e dê [...] **a seus filhos / boa e completa educação**, o mais pre / cioso **thesouro**, que **recebi de meus paes**. (MEMÓRIAS, f. 129r, l. 14-23)

O texto memorialístico de Doutor Remédios Monteiro, além de ser um relato pessoal, é também social, ideológico e cultural. Em suas reminiscências, pode-se conhecer um pouco da sociedade brasileira do século XIX, bem como de suas posições político-filosóficas.

[...] no Brasil sob / o reinado de D. Pedro II, **sou mo / narchista**, porque aqui **a monarchia / não tem sido um obstaculo a liber / dade**. (MEMÓRIAS, f. 135r, l. 3-7)

Emfim desapareceu do Brasil essa mancha de lama, esse crime, essa selvageria chamada escravidão. (MEMÓRIAS, f. 169r, l. 20-23)

Este meu bom e velho amigo tem sido / sempre muito estudioso e trabalhador. / **Coordenou e deu á luz as obras de / Alvares de Azevedo** por amizade a / elle e ao pai, que era formado em / sciencias juridicas e sociaes. [...] / O **doutor** Jacy Monteiro **conhecia mui= / tos dos seus escriptos, de lêl-o ou de / recital-os, e entendia muito bem / a sua letra miúda**, o que era ne= / cessario para decifral-os, mór= / mente por causa das entrelinhas, / emendas, etc. (MEMÓRIAS, s. n. de fôlio, l. 11-22)

Mesmo sendo um homem virtuoso e respeitador da filosofia cristã, Doutor Remédios, como um ser que representa o seu tempo e cuja característica não está tão distante do momento presente, carregava dúvidas e incertezas diante da vida.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

Não posso descrever o **terror que / se apoderava** de mim quando tinha / de **receitar a qualquer doente: tudo / eram embaraços, dúvidas e incerte- / zas a respeito do diagnostico e da / terapeutica.** (MEMÓRIAS, s. n. de fôlio, l. 7-11)

Mesmo com dúvidas, Doutor Remédios exerceu a profissão de médico com dedicação, paciência, amor e abnegação:

Não conheço **profis / são que exija mais instrução, sa / cerdocio de mais grave e perigosa / responsabilidade do que o exerci / cio da medicina.** Só Deus sabe / quantas vezes maldice esta pro / fissão que tão voluntariamente / abracei, e que entretanto me tem / permitido exercer largamente / a caridade! No goso intimo de / minha consciencia tenho sempre / encontrado a recompensa dos / serviços prestados, a compensação das / dificuldades com que lutei desde / o principio de minha carreira medica / até hoje. Quanto às injustiças e / ingratidões depressa me esqueço / dellas. **O dever tem sido o principio / director de meus actos como medico. / [...] Si eu não fosse medico como seria util / aos meus semelhantes não possuindo / riqueza?!** (MEMÓRIAS, f. 15r, l. 12 – 23 ; f. 16r, l. 1 – 15)

De personalidade modesta, Doutor Remédios não cultivava a ambição, não almejava grandes postos na sociedade. Achava a sua vida obscura.

Não me doe a obscuridade por / quanto não aspirei essas grandezas / que umas vezes constituem a gloria / outras vezes soffrimentos para / alguns homens. Estudei para não ignorar, mas não para sobressair. A / minha natureza naturalmente ti / mida não impellia-me para gran / des e altos feitos [...] (MEMÓRIAS, f. 11r, l. 4-12).

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

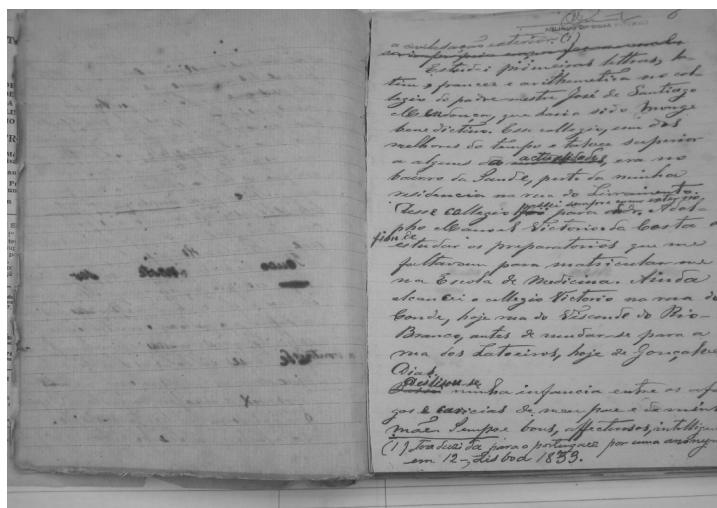


Fig. 3: Caderno no qual constam as Memórias do Doutor Remédios Monteiro

4. Conclusão

O discurso perpetrado em um texto memorialístico é marcado por um desejo de verdade, que resulta em verossimilhanças e credibilidade, legitimado pela autoridade da fala, da argumentação e da retórica. Doutor Remédios Monteiro, ao escrever seu texto memorialístico, deixava para sua filha uma narrativa marcada pelas suas crenças, seus hábitos, suas ideias de homem em seu contexto histórico e social. Segundo Pesavento (2006, *on line*): “É neste momento, de partilha de uma sensibilidade – a capacidade mental de lembrar e reter imagens de uma experiência passada, bem como de interação entre o indivíduo com o social -, que a memória se torna histórica.”

O texto memorialístico de Doutor Remédios Monteiro representa não apenas um relato pessoal, mas um documento que fornece dados histórico-culturais tanto locais quanto nacionais, transpondo as fronteiras da comunicação interpessoal (pai para filha), tornando-se um documento histórico. De acordo com Le Goff (2003, p. 469), “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade* (grifo do autor), individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia.”

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

O texto das Memórias de Doutor Remédios Monteiro, constante em um caderno tipo escolar irremediavelmente mutilado pela pessoa para a qual se destinava, possui um valor inestimável para diversas áreas do conhecimento. Apesar dos cortes, das folhas rasgadas e coladas, feitos por D. Elvira em repúdio ao texto do pai; além do estado precário de conservação, é um documento de interesse para diversas áreas do saber, pois é o retrato de uma época, materializado pelas lembranças de um homem. Nessa direção, afere Le Goff (2003, p. 471): “A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro.” Neste sentido, devemos buscar, de todas as formas possíveis, a preservação dessa memória, dessa história, a fim de que o nosso presente seja também fonte da memória.

Doutor Remédios Monteiro, na organização de seu texto memorialístico, visava à adesão de sua filha aos seus argumentos. A sua vontade de dizer coisas e o modo como dispôs as palavras revelou seus comprometimentos ideológicos. Estes estavam ligados à filosofia cristã.

No dia seguinte, depois de pernoitar / na Cachoeira parti as 7 horas da / manhã para a Feira de Sant’Anna / onde chegava cheio de **esperança de / prolongar minha vida** que a amo / pelas razões que Silvio Pellico manda / amal-a no seus notaveis – **Deveres do ho= / mem** – “Ame-a pelo que ella tem de im= / “portante, de grande, de **divino!** Ama-a / “porque ella é a **arena do merito** , porque / “ella é **caza do Todo Poderoso**, ella é glo= / “riosa; porque ella é tambem gloriosa / para nós e necessaria.” (MEMÓRIAS, f. 145r, l. 2-14)

constitue para mim um galar= / dão e uma recompensa aos servi= / ços que prestei a mais santa causa / que se debateu em prol da civili= / sação, do **direito**, da **justiça** e da / **religião daquelle que deixou-se cru= / cificar pela redempção da humani= / dade.** (MEMÓRIAS, f.169r, l. 3-9)

Doutor Remédios, ao escrever o texto de suas memórias, rememora a sua vida desde os tempos de estudante de Medicina em Paris. Relembra os anos difíceis pelos quais passou quando enfrentou dificuldades financeiras e problemas de saúde. Além disso, critica o regime

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

escravocrata vivido no Brasil e, juntamente com ele, as injustiças sociais do seu tempo. Destarte, pode-se concluir que todo texto tem múltiplas intencionalidades, não sendo desprovido de ideologias, não escapando disso o texto de Doutor Remédios, pois, como afirma Barros (2004, p. 188), “[...]o texto se organiza e produz sentidos, como um objeto de significação, e também se constrói na relação com os demais objetos culturais, pois está inserido em uma sociedade, em um dado momento histórico e é determinado por formações ideológicas específicas, como um objeto de comunicação.”

REFERÊNCIAS

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Estudos do discurso. In: FIORIN, José Luiz (Org.) (2004). Introdução à linguística II: princípios de análise. São Paulo: Contexto, 2004, p. 187-219.
- BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. In: _____. Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1985, v. 1.
- BENVENISTE, Émile [1902-1976]. Problemas de linguística geral II. Tradução de Eduardo Guimarães et al. Campinas-SP: Pontes, 1989.
- BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz/Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
- CITELLI, Adilson. Linguagem e persuasão. 16. ed. rev. e atual. 2. imp. São Paulo: Ática, 2005.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda [1910-1989]. Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. 4. imp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- FIORIN, José Luiz. Linguagem e ideologia. 8. ed. rev. e atual. 2. imp. São Paulo: Ática, 2005.
- LE GOFF, Jacques. História e memória. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão, Suzana Ferreira Borges. 5. ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2003.
- MEIRELES, Cecília. Retrato. In: _____. Flor de poemas. Rio de Janeiro: Aguilar/INL, 1972.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Palavras para crer. Imaginários de sentido que falam do passado. Nuevo Mundo Mundos Nuevos, n. 6, 2006. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/document1499.html>>. Acesso em: 3 jul. 2010.

QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. A escrita autobiográfica de Doutor Remédios Monteiro: edição de suas memórias. Salvador: Quarteto, 2006.

ROUSSET, J. Le journal intime. Texte sans destinataire?, Poétique, Paris, n. 56, p. 435-443, 1983.